

Formação docente: representações identitárias que permeiam os discursos pibidianos

MÍRIAM SARAIVA SANDRINI¹; LETÍCIA FONSECA RICHTHOFEN DE FREITAS²

¹ Universidade Federal de Pelotas/Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado (Capes) – miriamsaraiva80@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – leticia.freitas@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O período de formação profissional acadêmica por que passa o estudante durante um curso de licenciatura é, para muitos, o marco inicial das (trans)formações desse aluno rumo à carreira docente e servirá de base, principalmente pelos aprendizados e experiências vivenciados em sala de aula, para que este processo de constituição identitária se efetive na sua vida. Além disso, porém não menos importante, ele também será influenciado por outras práticas discursivas com as quais está envolvido socialmente – contextos em que os indivíduos estão inseridos, dentre os quais se encontra o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – e que também contribuem para construção identitária desse professor.

Situando-se entre os campos da Linguística Aplicada Transgressiva e dos Estudos Culturais em Educação e adotando uma perspectiva que considera a linguagem como constituidora de sentidos, este trabalho objetiva apresentar um recorte do que vem sendo investigado em minha dissertação de mestrado, a qual pretende mapear os discursos e representações sobre docência presentes nos relatos de licenciandos envolvidos com o PIBID na tentativa de entender de que forma as memórias do PIBID e a idéia de pertencimento a essa comunidade imaginada contribuem para (re)criação e manutenção da identidade individual e coletiva desse grupo.

Considera-se, portanto, a linguagem após a virada lingüística e a virada cultural (PENNYCOOK, 1998), em que os discursos deixam de ser entendidos apenas como códigos a serem decifrados e passam a ser interpretados como uma criação discursiva dos sujeitos em relação aos seus posicionamentos identitários. A partir dessa compreensão, torna-se inexequível qualquer tipo de estudo linguístico que considere a língua de forma autônoma (FABRÍCIO, 2006), pois ela está necessariamente imbricada ao contexto social em que o sujeito está inserido, de maneira a significar e a nortear as práticas sociais com que está envolvido. Surge, assim, a necessidade de estudar a linguagem de forma crítica, como faz o campo de estudos denominado de Linguística Aplicada Crítica/Transgressiva (PENNYCOOK, 2006), que se propõe a transpor as barreiras disciplinares e metodológicas, dando origem a um novo modelo que leva em consideração as várias posições sociais e políticas do indivíduo, construídas discursivamente.

A fim de atingir tais objetivos, parte-se das provocações de Silva (2000), assumindo aqui a noção de identidade como resultado de um processo de construção social, ou seja, algo inventado e construído na relação com o outro. De acordo com Hall (1997), é nas práticas sociais que nos subjetivamos, ou seja, em meio às práticas discursivas com as quais estamos envolvidos que produzimos nossas “verdades” e as sustentamos. Logo, “toda prática social tem seu caráter discursivo” (HALL, 1997, p.13).

Segundo Fabrício e Bastos (2009), a narrativa é responsável por estruturar as relações sociais e o discurso, pois ela não consiste apenas na reprodução de fatos passados, mas principalmente na (re)criação da realidade a fim de significar nossas ideias e nossa história. Nesse mesmo sentido, é possível compreender a noção de pertencimento e de comunidade, ou seja, “a imagem que desejamos dar de nós mesmos a partir de elementos do passado é sempre pré-construída pelo que somos no momento da evocação” (CANDAU, 2008, p.77).

2. METODOLOGIA

Como mencionado anteriormente, a presente pesquisa propõe-se a analisar duas narrativas de licenciandos do curso de Letras da UFPel que têm ou tiveram alguma experiência com o Programa Institucional com Bolsa de Iniciação à Docência, na tentativa de mapear, nos discursos dos sujeitos envolvidos, as representações em relação ao *ser professor*, e entender como esse contexto – PIBID – pode influenciar no processo de formação docente.

Focando a atenção na questão da constituição identitária dos estudantes como docentes, a opção metodológica da pesquisa direcionou-se para uma abordagem qualitativa de entrevistas semi-estruturadas (MANZINI, 2004). Dessa forma, assume-se a entrevista como um “evento discursivo complexo” (SILVEIRA, 2002, p.20) em que entrevistador e entrevistado constituem-se na narrativa cultural e socialmente situada. Nesse caso, o relato analisado deixa de ser interpretado como a realidade e passa a ser entendido como uma forma de representação que procura dar sentido ao que está sendo contado.

À luz dessa perspectiva, foram coletadas narrativas de alunos do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Pelotas em formação e engajados no PIBID. Sem conhecer os objetivos dessa pesquisa, os alunos foram orientados a falar sobre sua trajetória de vida até ingressar na licenciatura e no PIBID e sobre suas escolhas, experiências e expectativas em relação ao futuro profissional. Durante a coleta das narrativas, foram lançadas algumas indagações no intuito de organizar o processo de interação entre informante e pesquisador (MANZINI, 2004) e de trazer à tona memórias que pudessem contribuir para entendermos como acontece o processo de constituição identitária.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tomando como base as narrativas de dois informantes, a análise foi dividida em dois eixos: a) o que levou os acadêmicos a escolher o curso de licenciatura; e b) as influências do PIBID na sua constituição como docente. É preciso chamar a atenção para o fato de que as duas narrativas coletadas e analisadas são de estudantes do sexo feminino que, no momento da entrevista, encontravam-se no primeiro semestre do curso de Letras, e por isso, há apenas três meses no PIBID. Em virtude desse fato, em alguns momentos suas falas são carregadas de incertezas e de expectativas em relação ao futuro. Além disso, observa-se que as duas informantes são colegas tanto na graduação como no PIBID.

Nos relatos das estudantes, é possível perceber a influência dos discursos familiares em suas escolhas e a constante necessidade de encontrar memórias que pudessem dar significado à sua opção pela carreira docente. No entanto, apenas uma das entrevistadas menciona entrar no Curso por desejar ser professora, enquanto a outra relata ter ingressado apenas por ser uma opção

mais fácil, e que inicialmente pensava em pedir transferência, mas acabou “apaixonando-se” pelo curso.

Quando questionadas no que tange ao seu posicionamento em relação à carreira docente, as duas trazem exemplos de profissionais que marcaram suas trajetórias quando ainda eram estudantes. Em um dos relatos, a informante chega a contar detalhes de imagens e sentimentos dessas experiências, o que evidencia o fato de que a formação profissional não acontece apenas na sala de aula, mas é uma construção que se dá a partir da relação com o outro – nesse caso com familiares e na escola.

Nas questões relacionadas ao PIBID, as duas entrevistadas dizem já ter conhecimento do Programa antes mesmo de ingressar no curso de Letras, afirmando haver muita expectativa quanto às contribuições desse Programa nas licenciaturas. Ambas mencionam exemplos de conhecidos que já participaram e tiveram experiências positivas durante sua formação, o que, segundo elas, dá mais motivação e segurança para continuarem.

Embora seja possível perceber algumas contradições durante as construções discursivas analisadas, é visível a necessidade de aceitação e pertencimento ao suposto “modelo” de professor imaginado pelas licenciandas, o que é feito por meio de uma série de exemplos e justificativas que as levaram a escolher o curso em que estão e a carreira docente.

4. CONCLUSÕES

Esse estudo inicial permitiu, entre outros aspectos, entender a narrativa como momento de constituição identitária, em que os sujeitos podem reinventar-se no intuito de significar suas escolhas e legitimar a si e a sua história (FABRÍCIO e BASTOS, 2009).

Sendo assim, esse trabalho permitiu relacionar os estudos teóricos realizados durante a pesquisa às narrativas coletadas, evidenciando algumas das expectativas desses estudantes quanto ao seu futuro profissional. Além disso, é possível perceber uma busca constante dos sujeitos para encontrar “cabides, onde possam em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades” (BAUMAN, 2005, p.37) e assim dar sentido aos *imaginários coletivos* (ANDERSON, 2008) por eles criados.

Toda essa necessidade de estar constantemente se reafirmando e demarcando seu posicionamento reflete o caráter performativo das identidades (HALL, 1997), que estão em constante disputa e precisam ser reforçadas na tentativa de “garantir acesso privilegiado aos bens sociais” (SILVA, 2011, p.81) e de dar sentidos aos discursos que estão sendo produzidos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. 1. Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L.P. (Org). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. P. 45-65.

FABRÍCIO, B. F. ; BASTOS, L. C. Narrativas e identidade de grupo: a memória como garantia do “nós” perante o “outro”. In. PEREIRA, M. G. D.; BASTOS, C. R. P. ; PEREIRA, T. C. ; (org) **Discursos socioculturais em interação Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração**. Rio de Janeiro – Garamond, 2009. P. 39 – 66.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções centrais do nosso tempo. **Revista Educação e Realidade**. V.22, n.2. Jul/Dez 1997a. P.15-46. Tradução: Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Anais do II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**. São Paulo: Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa; Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 2004. Disponível em: <www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2012.

PENNYCOOK, A. A Lingüística Aplicada dos anos 90: Em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I. & CAVALCANTI, M. (Orgs) **Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas**. Campinas: Mercado das Letras, 1998. P.23-49.

_____. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In. MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Línguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. P.67-83.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In. SILVA, T. T. da. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 10ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, P.73-102.

SILVEIRA, R. M. H.; A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In. COSTA, M. V. (Org.) **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.119-142.